



As semioses cicloturísticas e a mídiatização da experiência¹

Cycling semiosis and the mediatization of experience

Demétrio de Azeredo Soster

Palavras-chave: Mídiatização; Semioses; Semioses cicloturísticas; Experiência; Narrativas.

Partimos do pressuposto, no rastro de percurso de pesquisa identificado (AUTOR, 2017, 2018, 2019, 2020), que, se é possível afirmar que a “bicicleta transforma, geralmente para melhor, as pessoas” – axioma que temos perseguido em nossas reflexões ao longo dos anos, é porque ela, como objeto simbólico, e pensando, aqui, seu uso em uma perspectiva de cicloturismo, insere-se, narrativamente, na discursividade mídiática a partir do momento em que se transforma em fenômeno mídiático e passa a ser afetada pela processualidade da mídiatização, mídiatizando-se. Utilizaremos “transformação”, aqui, como sinônimo de mudança de um estado para outro.

Emerge, dessa forma, aquele que categorizamos, em outro momento, como narrador mídiatizado (AUTOR, 2019), mas, também, observa-se que as referidas transformações se dão por meio de semioses, e a conseqüente geração de sentidos, no “lugar” que Sodré (2009), a partir de Aristóteles, chamou de quarto bios; Pedro Gomes (2017), de “nova ambientação”. Ou seja, no plano discursivo-mídiático, cuja metáfora mais visível é a internet, pensada aqui como lugar. Estamos falando de um espaço

¹ Trabalho apresentado ao V Seminário Internacional de Pesquisas em Mídiatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS.



Anais de Resumos Expandidos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

geográfico que se estabelece em sua materialidade quando, por meio das pistas discursivas deixadas nas superfícies dos dispositivos midiáticos, nos conectamos a uma realidade de natureza fenomenológica que tanto se estabelece como é acessível por meio de registros realizados em dispositivos midiáticos, conectados ou não (livros, sites, redes sociais etc).

Não se trata de negar que a viagem de um cicloturista, seja qual for, e por onde tenha passado, provocou transformações, no ciclista, ou nas pessoas por quem ele cruzou em seu caminho, no momento mesmo destas, mas de dizer que ficamos sabendo delas, e eis o “momento” que nos interessa, ou de algo muito próximo a elas, semanticamente, no plano discursivo-midiático, dado a impossibilidade de alcançá-las no lugar primeiro, onde foram “sentidas” originalmente. Ou seja, o que observamos não é o que aconteceu de fato – um encontro na estrada, um vivido qualquer; trata-se, antes, da narrativa do acontecimento seminal; uma observação de “segunda mão”, na expressão de Luhmann (2009); outro acontecimento em um outro lugar, portanto. Algo ainda ligado tematicamente ao evento gerador e acessível por meio de pistas discursivas, mas de natureza diversa daquela que lhe deu origem.

Ocorre que, ao se estabelecerem como fenômenos midiáticos, inicialmente por meio de blocos de notas, gravadores e máquinas de fotografar ou filmar, por exemplo; e, mais adiante, por meio de livros, sites, redes sociais etc., passam a operar segundo regras próprias da discursividade midiática, cuja lógica operacional é sistêmica, nos moldes de Luhmann (2009), não obstante as reconfigurações provocadas pelos atravessamentos e interposições provocado pela presença de circuitos informacionais múltiplos nestes ambientes. Ter uma lógica operacional sistêmica significa existir no sentido de viabilizar a manutenção do sistema em que se insere, buscando a redução de complexidade como forma de viabilizar operações e se manter identitariamente, gerando diferenças na relação com outros sistemas e com o ambiente em que se inserem. Ou, em palavras mais simples, “jogando as regras do jogo”. Tem acesso, dessa forma, a narrativa, na discursividade midiática, o que nos projeta, por sua vez, para um



Anais de Resumos Expandidos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

problema de circulação, aqui compreendida antes como dispositivos, lugar de potencialidades (FAUSTO, 2010), que percurso, ou caminho, a ser percorrido, entre um ponto e outro.

É dizer, por outras palavras, e agora com Verón (2013) leitor de Peirce, que a condição para que saibamos das transformações ocorridas durante as semioses cicloturísticas é que os sentidos por elas gerados se transformem em fenômenos midiáticos, sem o que não se pode pensar em novas ambiências. Por quê? Porque a gênese destes novos lugares é sócio-técnico-discursiva, ou seja, pressupõe, em uma perspectiva triádica, a simbiose entre seres biológicos, linguagens e máquinas. Dito de outro modo, é preciso que sejam dotadas de autonomia e permanência, tendo condições de gerar, dessa forma, historicidade. A autonomia se estabelece, por exemplo, quando o cicloturista fotografa algo, ou alguém que, por um motivo ou outro, chamou-lhe atenção em seu caminho. Quando isso ocorre, o momento passa a existir à revelia do vivido, tornando-se autônomo das circunstâncias originais. A partir daí, a imagem passa a existir “materialmente” e seu significado, a mudar constantemente, à medida que é postada em uma rede social e diferentes pessoas lhe acessam. O nome disso é persistência; a mudança de sentido provocada pela foto quando vista por alguém, historicidade. É na instância historicidade, defendemos, que a bicicleta transforma as pessoas e onde a experiência se midiatiza. E a condição para que algo ingresse na referida nova ambiência, que estamos chamando de discursividade midiática, dito uma vez mais, é se transformar em fenômeno midiático.

Categorizamos este fenômeno como midiatização das narrativas de bicicleta (AUTOR, 2017); que são visíveis por meio das “semioses cicloturísticas” (AUTOR, 2020) que se estabelecem, à revelia de sua natureza, sempre que alguém viaja a passeio de bicicleta, registra e relata, por meio de dispositivos técnicos, conectados ou não, o que viu e viveu em seu percurso. Estamos falando tanto da produção de sentidos nestas circunstâncias como do surgimento, em uma perspectiva sistêmica, de uma série regras e normatizações as mais diversas que operam tanto como mecanismo de acesso à



Anais de Resumos Expandidos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

discursividade midiática como redutores de complexidades; viabilizando, dessa forma, as operações sistêmicas e reconfigurando as referidas narrativas. Compreender o que isso significa é o desafio que se estabelece, com o que chegamos ao propósito dessa reflexão.

Do ponto de vista metodológico, nosso objeto empírico serão os relatos, nas mais diferentes plataformas, de cicloturistas como Danilo Perrotti (2015), Antônio Olinto (2012), Charles Zimmermann, Aldo Lammel (2021), Nestor Freire (2020), Arthur Simões (2014) e Argus Augusto Saturnino (2015). Tratam-se de alguns dos brasileiros que deram a volta ao mundo de bicicleta e que depois contaram suas histórias por meio de livros, sites, redes sociais etc. Acreditamos que este extrato analítico é significativo porque se refere a viagens com não menos de três anos de duração e com passagens por vários países, permeadas, portanto, de vivências as mais diversas transformadas em fenômenos midiáticos. Trata-se, ainda do ponto de vista metodológico, de uma abordagem qualitativa, nos moldes de Demo (2000); sua materialidade, as pistas discursivas deixadas pelos autores na superfície dos relatos.

Referências

- DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.
- FAUSTO, Antonio. As bordas da circulação. In: **Mediatización, sociedade y sentido: diálogos entre Brasil e Argentina**. Coloquio del Proyecto “Mediatización, sociedade y sentido: aproximaciones comparativas de modelos brasileños y argentinos. 2010. Universidad Nacional de Rosario, Argentina. Anais... Departamento de Ciencias de la Comunicación. 2010.
- FERREIRA, Antonio Olinto. **No guidão da liberdade: a incrível história do brasileiro que fez a volta ao mundo de bicicleta**. São Paulo: Editores Gráficos Unidos, 2012.
- FREIRE, Nestor. **Extremos do mundo: uma expedição de bike aos pontos extremos do planeta**. São Paulo: Taygeta Editora, 2020.
- GOMES, Pedro. **Dos meios à mediação: um conceito em evolução**. São Leopoldo (RS): Unisinos, 2017.



Anais de Resumos Expandidos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

LAMMEL, Aldo. **Dia 922**: uma longa história sobre estrada. Porto Alegre: Edição do Autor, 2021.

LUHMANN, Niklas. **Introdução à teoria dos sistemas**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

MACHADO, Danilo Perrotti. **Homem livre**: ao redor do mundo sobre uma bicicleta. São Paulo: Ciao Ciao Editorial, 2015

SATURNINO, Argus Caruso. **Caminhos**: volta ao mundo de bicicleta. São Paulo: Edições Sesc, 2015.

SIMÕES, Arthur. **O mundo ao lado**: uma volta ao mundo de bicicleta. São Paulo: Phorte Editora, 2014.

SODRÉ, M. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

AUTOR, AUTOR. **A midiatização, as narrativas de bicicleta e os fenômenos midiáticos**. Intercom – RBCC. São Paulo, v. 43, n. 2, p.113-132, maio/ago. 2020

AUTOR, AUTOR. **As narrativas de bicicleta como fenômeno midiático e a emergência do narrador midiatizado** SBPJor Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. 17º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Universidade Federal de Goiás (UFG) Goiânia (GO) Novembro de 2019

AUTOR, AUTOR. **As narrativas de bicicleta como gênero narrativo jornalístico** SBPJor Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. FIAM-FAAM / Anhembi Morumbi São Paulo. Novembro de 2018

AUTOR, AUTOR. **O cicloturismo, o jornalismo e a midiatização das narrativas de bicicleta**. SBPJor Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. ECA/USP. São Paulo, Novembro de 2017.

VERÓN, Eliseo. **La semiosis 2**: ideas, momentos, interpretantes. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2013

ZIMMERMANN, Charles. **Travessia**: 747 dias de bicicleta pelo mundo. Curitiba (SC): Camus Editor, 2015.